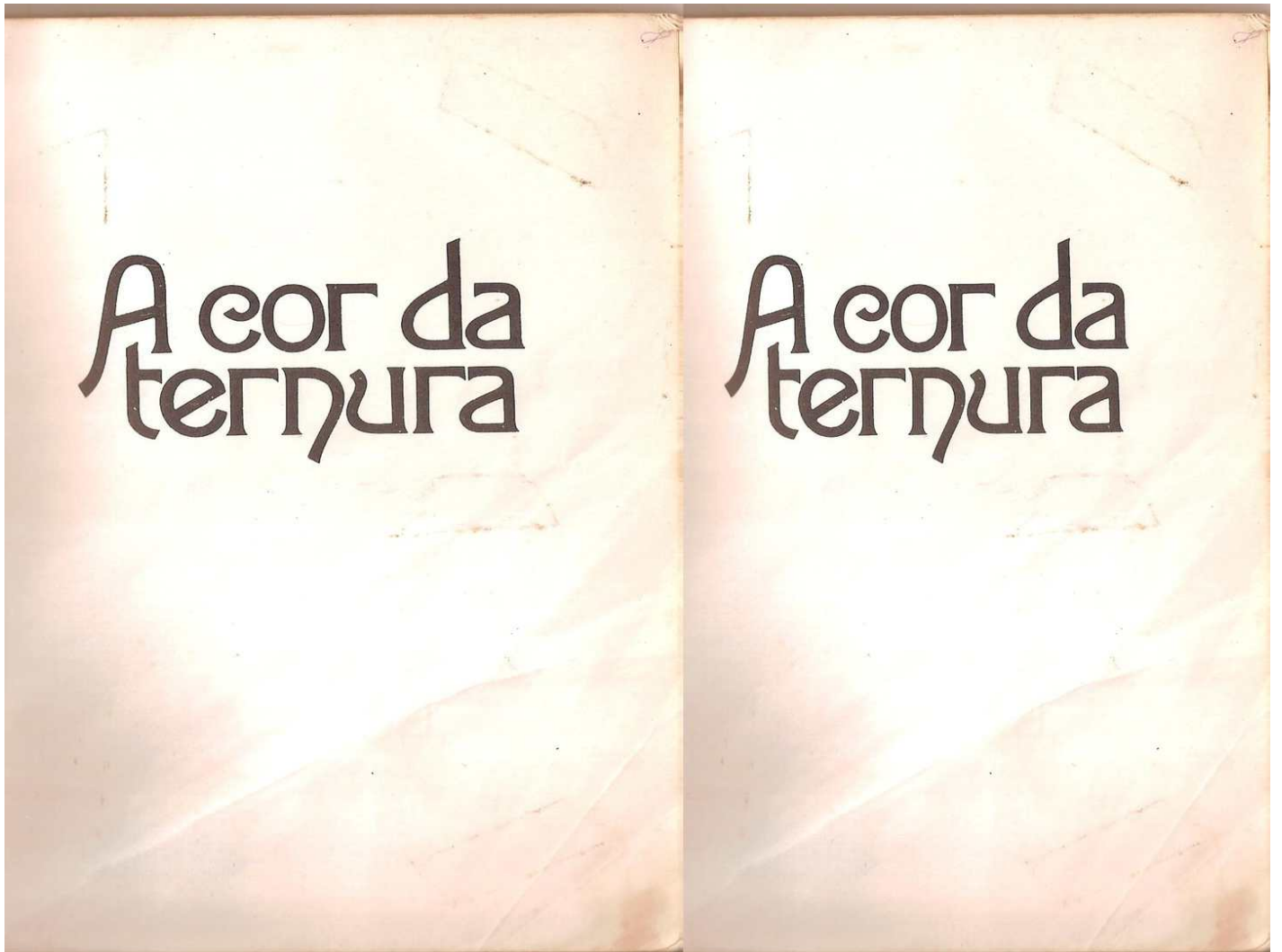


Calameo PDF Download



A Cor da Ternura





Copyright © Geni Guimarães, 1989
Todos os direitos de edição reservados à

EDITORA FTD S.A.

MATRIZ: Rua Rui Barbosa, 156 (Bela Vista) SÃO PAULO
CEP 01326 - Tel. 283-5011 - Cx. Postal 30402

Editora

Ione Meloni Nassar

Editora assistente

Maria Esther Nejm

Editor de arte

Cláudio Cuellar

Revisão-coordenação

Adolfo José Facchini

Arte-montagem

Guilherme C. Uccio

Reginae Crema

Assistente de produção

Wilson Teodoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guimarães, Geni.
A cor da ternura / Geni Guimarães; ilustrações Saritah Barboza. — 5. ed. — São Paulo : FTD, 1991. — (Coleção canto jovem)

ISBN 85-322-0125-3

1. Literatura infanto-juvenil I. Barboza, Saritah. II. Título.
III. Série: Canto jovem.

91-2252

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

*Para os amigos
Johannes e Moema Parente Augel
que no afeto singular do acolhimento
tão bem agasalharam a timidez da
minha nação interna.*

ÍNDICE

Primeiras lembranças	9
Solidão de vozes	23
Afinidades: olhos de dentro	29
Viagens	40
Tempos escolares	48
Metamorfose	58
Alicerce	70
Mulher	76
Momento cristalino	82
Força flutuante	87

Primeiras lembranças

Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia. Colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava em pé.

Ela aproveitava o tempo, catando piolhos da minha cabeça ou trançando-me os cabelos. Conversávamos, às vezes:

filha — Mãe, a senhora gosta de mim? *filha*

mãe — Ué, claro que gosto, filha. *mãe*

filha — Que tamanho? — perguntava eu.

Ela então soltava minha cabeça, estendia os braços e respondia sorrindo:

mãe — Assim.

Eu voltava ao peito, fechava os olhos e mamava feliz.

Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão dos seus braços.

Outras vezes, no meio da mamada eu parava e começava:

filha — Cadê o toicinho daqui?

mãe — Gato comeu.

filha — Cadê o gato?

- Foi caçar rato.
 — Cadê o rato?
 — Foi no mato.
 — Cadê o mato?
 — Fogo queimou.
 — Cadê o fogo?
 — Água apagou.

Eu interrompia as perguntas da brincadeira para saber coisas além dela. Uma vez foi assim:

- Quem fez o fogo e a água?
 — Deus, é claro. Quem haveria de ser?
 — E se pegar fogo no mundo?
 — Ele faz a água virar chuva e apaga o fogo

do mundo.

— Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?

— Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? — Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: — Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta...

Repentinamente paramos o riso e a brincadeira. Pairou entre nós um silêncio esquisito.

Achei que ela estava triste, então falei:

— Mentira, boba. Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá?

Daí ela fingiu umas palmadas na minha bunda, saiu correndo pelo quintal afora.

— Quem chegar por último vira sapo da lagoa.



Corri também, dando largas passadas, tentando pisar no rastro dela.

Mas as coisas começaram a mudar. Era só eu querer mamar, ela se esquivava.

mã — Cecília — dizia ela —, traga a garapa da menina.

Outras vezes, era só eu botar a mão no decote do seu vestido, vinha a saída: uma bolacha caseira, uma goiaba, uma laranja ou qualquer outra guloseima para me tapear.

Um dia emburrei. Joguei fora tudo o que me oferecera. Recusei-me a comer qualquer coisa. Foi quando ela resolveu explicar-me:

— É que o leite da mãe está podre. mãe

— Quem que apodreceu ele? — perguntei inocentemente. gen

— O gato da Maria Polaca fez caca no meu peito. mu

— Por que você deixou ele entrar aí, mãe? gen

Ela não me respondeu. Chamou a Cecília e disse:

— Leva ela pra ver os porquinhos. — E mais baixo: — Não vai deixar ela ver os bichinhos mamando que ela pode se “aguar”. mãe

Sáimos. Eu soluçava baixinho e limpava o rosto com as costas das mãos. Nisso passou um gato rajado diante de nós e eu me lembrei de uma coisa. gen

— Cecília, de que lado fica a porta da teta da mãe? gen

Minha irmã olhou dos lados, viu uma pedra na margem da estrada. Sentou-se nela e carinho-

samente foi me falando:

— Vem cá. Vou te explicar direitinho. É que a mãe encomendou um nenezinho pra nós. Você já é mocinha, tem dente, pode comer de tudo, não é? Agora, nenê não. Daí a mãe tem que guardar o leite pra ele. Entendeu? gen

— Ah, é por isso que a mãe foi na cidade outro dia... Cecília, como é que vai ser o... como vai ser ele? gen

— Vai ser gordinho, bonito e chorão — respondeu-me ela rindo. gen

Baixei a cabeça e com o dedão do pé comecei a fazer buraquinhos no chão. gen

A Cecília levantou-se, pegou-me no colo e se pôs a caminhar.

Comecei a sentir muito sono, mas ainda pedi:

— Se ele chegar de noite, você me chama... Deitei-me no seu ombro e adormeci. gen

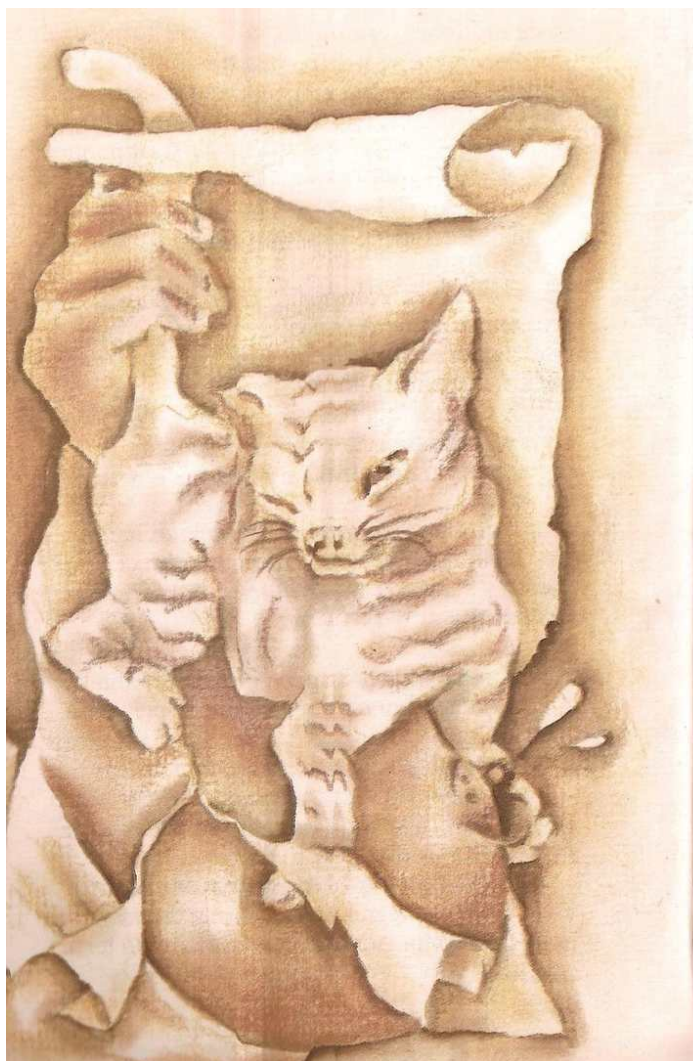
Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la.

O dia todo arrastava os chinelos pela casa. Ia e vinha.

Eu também ia, eu também vinha.

Quando me pegava no flagra, bebendo seus gestos, esboçava um riso calmo, curto. Meu coração saltava feliz dentro do peito.

Eu baixava a cabeça e fechava os olhos. Revivia o riso dela mil vezes e à noite deitava-me mais cedo para pensar no doce cheiro de terra e mãe.



Um dia, quando venerava seus pés, vi que estavam inchados.

Fui devagarinho subindo a vista: as pernas estavam exageradamente grossas. A barriga parecia a barrica onde ela guardava a água de beber. Mãos, braços, rosto, tudo inchado.

Comecei a tremer e ficar impaciente.

Que doença seria aquela? E se minha mãe explodisse?

Desesperei-me.

Precisava achar alguém para saber se ela estava para morrer.

Precisava saber se quando mãe morre, a gente pelos menos pode morrer também.

Saí correndo quintal afora. Então, vi a Cema, minha irmã mais velha. Corri para ela. Sacudi-a fortemente. Perguntei, chorei, insisti, mas a Cema continuou comendo torrões e soltando a baba lamacenta pelos cantos da boca. No desespero havia esquecido que ela era excepcional, meu poema bobo.

Com meu vestido de florezinhas azuis, limpei sua boca e, agarrada a suas mãos, esperei impacientemente alguém chegar.

Não demorou muito, vi a Arminda surgir lá na curva do caminho.

Ela tinha ido levar o almoço para meu pai e os outros irmãos que trabalhavam na colheita do café.

Soltei as mãozinhas da Cema e fui encontrá-la.

— Arminda — disse eu —, acho que a mãe vai morrer. Por favor, leva ela pra dona Chica Es-



panhola benzer. Ela está deste tamanho. — Estiquei os braços para os lados e depois fiz um círculo querendo mostrar o tamanho da barriga dela. — Arminda — continuei —, me pega no colo que eu estou com frio. Por favor, leva ela...

Pegou-me carinhosamente e começou a acariciar-me.

Disse:

— A mãe não está doente, bobinha. Lembra que a Cecília te contou que ela tinha encomendado nenê? Então. Ele está guardado na barriga dela, por isso que a mãe está gordona. Você não está dormindo comigo? Pois é pra não machucar o nenê.

Resmunguei:

— Arminda, eu gosto de você, mas eu queria dormir com a mãe, porque a orelha dela é mole e esquenta até a minha mão. Você também é boazinha, mas a sua orelha...

Chorei novamente, baixo e calmo.

Chegando em casa, minha mãe cerzia uma camisa xadrez, em pé, encostada no fogão apagado. A Arminda piscou disfarçadamente e falou para ela:

— Tem gente querendo colo. Dá aqui a roupa que eu acabo de remendar.

Minha mãe entregou a roupa para a Arminda e sentou-se numa cadeira feita de palhas trançadas. Estendeu os braços e eu fui como se caminhasse para o céu. Fiquei toda torta, escorregava e não conseguia pousar a cabeça no seio tão e sempre amigo.

No entanto, não disse nada. Não agradei.

Não reclamei. Apenas respirei fundo para recolher o eterno cheiro de terra e mãe.

Um dia, ao acordar, não ouvi nenhum barulho nem senti o cheiro agradável de café novo vindo da cozinha. Estava só, na cama.

Já me preparava para ir ver o que estava acontecendo, quando a Iraci entrou no quarto dizendo:

— Você tem que ficar aqui quietinha. Não pode se levantar ainda. *saii*

Notei-a carinhosa, mas preocupada. Fiz mil perguntas, todas de uma só vez: *gemi*

— Por que não posso? Cadê a Arminda? Onde está a mãe?

Já gaguejava engolindo lágrimas de medo e incertezas, quando a Iraci apressou-se explicando:

— A Arminda foi trabalhar e eu fiquei no lugar dela. Não precisa se assustar. O pai foi buscar a dona Chica Espanhola. A mãe está deitada. *saii*

— A dona Chica Espanhola?? — perguntei apavorada. *gemi*

— Não é nada de mau, bobinha. Ela vai ajudar o nosso nenê a nascer. *saii*

Saiu.

Nesse mesmo instante, comecei a ouvir minha mãe gemer baixinho.

Gemia, gemia, gemia...

Tapei os ouvidos com o travesseiro e só dei os olhos a descoberto, que, marejados de lá-



grimas, acompanharam a chegada de meu pai e dona Chica, que vinha dando ordens:

— Alguém põe água pra esquentar. Faça um chá bem quente de hortelã com pimenta-do-reino.

Minha mãe gemia, gemia...

O dia se arrastava e eu ali, esquecida.

Ninguém lembrou que eu poderia sentir fome ou sede. Nem eu.

O sol entrava com seus raios já cansados na fresta da janela, quando, sem poder fazer mais nada, levantei-me, ajoelhei-me aos pés da cama e comecei a rezar:

— Minha Nossa Senhora do oratório da minha mãe, faça que ela não chore, que eu nunca mais vou xingar o nenê de diabo e cocô no meu coração. Se ela parar de gemer, daqui pra frente vou só falar Jesus e doce-de-leite pra ele. Amém.

Fiz o sinal-da-cruz e quando me encaminhava para a cama novamente, para dali continuar a vigília, os gemidos pararam.

Um choro forte de bebê abriu espaços e entrou no quarto abruptamente.

Jesus nascia.

No dia seguinte minha mãe começou a receber visitas. O pessoal da redondeza vinha conhecer a criança trazendo presentes. Aproveitavam a ocasião para agradecer minha mãe por ter, com benzimentos e remédios caseiros, curado seus filhos de lombriga, bucho-virado ou



mesmo quebranto. Traziam galinhas gordas, amarelas, brancas e rajadas. Não davam galinhas pretas, explicou dona Jandira para a Iraci, um dia, porque eram duras e só serviam mesmo para despachos.

Todo dia, desde cedo, a mulherada aparecia. Traziam sabonete, talco e metros de pano para as roupinhas do nenê.

Eu nem ligava para elas. Ficava sentada num degrau da escada na porta da sala, indiferente. Mas elas tinham sempre alguma coisa para me dizer. “Chi!!! perdeu o colo”, diziam umas. “Vou levar ele pra mim”, diziam outras.

“Que enfie no...”, pensava eu. Logo me arrependia e fazia o sinal-da-cruz.

Minha mãe às vezes acompanhava as visitas até a porta. Nessas ocasiões segurava minha mão e dizia:

mãe — Vamos lá no quarto ver o seu irmãozinho. A mãe não pode trazer ele aqui enquanto não passarem sete dias. Ele pode pegar o mal-de-sete-dias. Isso não tem cura. Vamos lá, filha, vamos...

Eu não ia. Que ficasse lá, ocupando meu lugar. Não ia.

Só pude conhecê-lo no oitavo dia, quando, passado o perigo da doença, minha mãe tirou-o do quarto.

Não achei bonito nem feio.

Apenas senti um grande alívio quando me vi descompromissada de chamá-lo de Menino Jesus.

Era negro.

Solidão de vozes

Com a chegada do Zezinho tudo mudou em casa. A Cecília não foi mais para o trabalho na lavoura. Ficou para ajudar em casa. Cozinhou para todos: nós que ficávamos e os que davam duro na roça. Desorganização total. Ordem da casa, refeições e lavagem de roupas. Além do mais, era o banho do Zezinho, chás do Zezinho, fraldas do Zezinho, choros do Zezinho. Zezinho, Zezinho, todo minuto, toda hora, todo dia, sempre.

A Cema parece que adivinhou. Começou a fazer coisas do arco-da-velha. Esparramava mantimentos no chão, derrubava cadeiras, subia na mesa, comia terra e parecia descarga: fazia cocô e xixi a cada cinco minutos.

Resolveram então ordenar a trabalhadeira. A Cecília lavaria toda a roupa e vigiaria a Cema. Minha mãe faria as refeições e cuidaria das frescuras do Zezinho. Quem tivesse um tempo de sobra faria a limpeza da casa. Os restos do tempo eram dados a mim, que não dava trabalho. Comida depois, banho depois. Tudo depois de tudo.

— Você é mocinha, pode esperar pra tomar banho.

— Você é grandinha, espera um pouco pra almoçar.

Por desaforo, deixei de ter desejos e fome. Só tinha vontade de dormir. Comecei a sentir frio a qualquer hora do dia e da noite. Frio se chovesse. Frio se fizesse calor. Em qualquer circunstância, frio.

— Lombriga aguada — disse a dona Chica, que parecia sanguessuga nos nossos acontecimentos familiares.

Daí então vieram os chás: hortelã, poejo, alho etc. Eu os tomava. Na verdade, bebia a intenção de cada um.

Lombriga coisa nenhuma. Eu tinha era saudade. Saudade dos meus detalhes perdidos. Do meu colo, da minha comida servida na boca. Do meu espaço para perguntar besteiras, como diziam eles. Dos olhares carinhosos.

Da minha mãe dizendo “Descasca uma laranja pra menina, Deixa que eu penteio o cabelo dela, Mais coberta pra menina não passar frio”...

Lombriga, o nariz da dona Chica. Era saudade mesmo. E saudade não se cura com chás.

Um dia, eu estava deitada, acompanhando com os olhos uma aranhinha que zigzagueava no telhado, quando ouvi minha mãe rezando do outro lado da parede:

— Nossa Senhora Aparecida, vós que sois mãe como eu, venha ao encontro das minhas orações. Derrama suas bênçãos poderosas sobre a



— Você é mocinha, pode esperar pra tomar banho.

— Você é grandinha, espera um pouco pra almoçar.

Por desaforo, deixei de ter desejos e fome. Só tinha vontade de dormir. Comecei a sentir frio a qualquer hora do dia e da noite. Frio se chovesse. Frio se fizesse calor. Em qualquer circunstância, frio.

— Lombriga aguada — disse a dona Chica, que parecia sanguessuga nos nossos acontecimentos familiares.

Daí então vieram os chás: hortelã, poejo, alho etc. Eu os tomava. Na verdade, bebia a intenção de cada um.

Lombriga coisa nenhuma. Eu tinha era saudade. Saudade dos meus detalhes perdidos. Do meu colo, da minha comida servida na boca. Do meu espaço para perguntar besteiras, como diziam eles. Dos olhares carinhosos.

Da minha mãe dizendo “Descasca uma laranja pra menina, Deixa que eu penteio o cabelo dela, Mais coberta pra menina não passar frio”...

Lombriga, o nariz da dona Chica. Era saudade mesmo. E saudade não se cura com chás.

Um dia, eu estava deitada, acompanhando com os olhos uma aranhinha que zigzagueava no telhado, quando ouvi minha mãe rezando do outro lado da parede:

— Nossa Senhora Aparecida, vós que sois mãe como eu, venha ao encontro das minhas orações. Derrama suas bênçãos poderosas sobre a



minha filha, devolvendo-lhe a saúde, pelo amor de Deus. Alivia o nosso sofrimento, pra gente poder voltar a ser uma família feliz. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

Senti uma fisgada no coração. Nunca quis nem pensei em fazer minha família sofrer. Propus-me a reagir imediatamente. Andar para agradá-los, sorrir para o sorriso de todos, comer, comer todos os dias e até a toda hora, se preciso fosse.

Quando já me esforçava para levantar, a porta se abriu.

— Filha, a dona Pedrina deu um pão com torresmo. Está aqui um pedaço. Come pra você ver que delícia. Se você comer...

Arrumei um riso, peguei o pão. Enquanto comia, ela me olhava embevecida, quase mastigando para mim, comigo. Para usufruir o máximo do encantamento, engoli vagarosamente aquele pedaço e pedi outro.

— Quer mais? Vou buscar. Abençoado seja o nome de Jesus.

Saiu correndo e em segundos voltou. Com ela vieram a Cecília, com o Zezinho no colo, a Cema, a Iraci, a Arminda, o Dirceu e meu pai, ainda com o machado de cortar lenha na mão.

Todos se acomodaram ao meu redor. Uns sentados na cama, outros ajoelhados em qualquer espaço livre. Ficaram me olhando comer, felizes, sem a menor discrição de silêncio, no exagero da vigília.

Foi aí que meu pai cutucou minha mãe e disse:

— Amanhã mesmo você vai na cidade comprar vela pra cumprir a promessa.

Colocou o machado no ombro e saiu assobiando.

— Quer mais? — perguntou a Iraci.

Antes que eu respondesse, a Arminda brincou:

— Também agora a gente não vai querer engordar a menina do de uma vez.

Todos riram alto, porque o tempo era de riso. Ri também aproveitando o momento de despreendimento, joguei a cabeça no colo da minha mãe.

Sua blusa estava toda molhada de leite. O peito dela, cheio, vazava.

Disfarçadamente, passei o dedo indicador no líquido. Levei o nariz, cheirei. Levei à boca, lambi.

Realmente, aquele leite era do Zezinho.

Não era o meu leite da minha mãe.



Afinidades: olhos de dentro

- Viu só? Até ele gostou. — Era a aranha ainda ziguezagueando no telhado.
- Que vocês pensavam, eu já sabia. Mas que falavam... Ele quem?
- Seu irmãozinho.
- Ele gostou? Não reparei.
- É. Você não repara no jeito dos outros gostarem. Ou melhor, repara, mas quer que gostar seja do seu modo. Cada um...
- Ele nunca ligou pra mim. Isto eu reparei. Não é mentira.
- E você, algum dia, ligou pra mim?
- Eu?
- É. Nunca ligou pra mim e eu sempre morei aqui.
- Eu não sabia. Desculpe.
- Entendeu agora? Você é que nunca procurou saber direito dos olhos dos outros. Não é destes olhos que eu falo. É dos olhos de dentro.
- Entendi. Mas eu sempre pensei que as outras pessoas e bichos nem soubessem desses olhos de que você fala. Eu, não é querendo ser sabida como os animais, sabia. Não falava por-

que... Ah, não dá pra contar agora. É uma história muito comprida. Bem, agora vou ligar pra você e pra ele. Mas ele não sabe brincar. E você, sabe? Brinca do quê?

— Todo mundo sabe brincar. Até os grandes. Eu brinco de tanta coisa! De ver, de falar com as crianças, de gargalhar com os olhos, você sabe do que falo.

— Sei. Nunca na vida pensei que você fosse tão sabida. Me ensinou num instantinho essas coisas de ver.

A aranhinha remexeu-se.

— A conversa está boa, mas preciso ir.

— Você vai embora agora que a gente...

— Não, não vou. Ou melhor, não vou de todo. Só tenho umas coisas pra fazer. Não disse que moro aqui?

— Tinha até me esquecido.

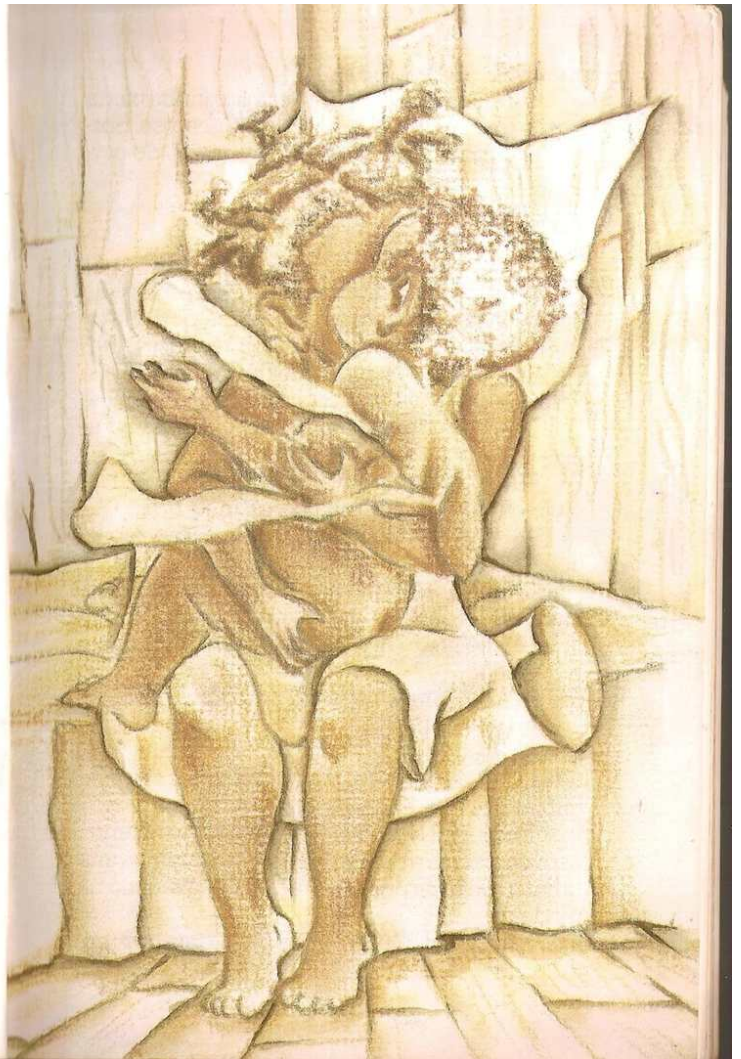
O Zezinho chorou no quarto ao lado. Olhei para minha amiga, meio indecisa, mas ela, sabida, ajudou-me.

— Vai lá. Gostar...

Sai correndo.

Ele estava pelado, espermeando. Segurei suas mãozinhas e agasalhei-as entre as minhas. Silenciou, ficou na mudez absorvendo meu afago.

— Eu pensei que você não ligasse pra mim. Deus que me perdoe, mas eu até achava que você era cego por dentro. Desculpe. Sempre fui meio besta mesmo. Mas, daqui por diante, nem vou ficar triste se os grandes não tiverem tempo. Vou sempre falar com você ou com minha aranhinha, se você estiver dormindo. Se você também pre-



cisar dela, está às ordens.

O Zezinho abriu a boca, engoliu minha oferta e estalou os lábios diante do gosto gostoso. Sorriu. Seu hálito morno veio impregnado de perfume de primeira vez.

Bom mesmo foi ter amigos. Não amigos de passos paralelos, com os quais eu só podia falar coisa pensada e repensada para não assustar.

Gostoso foi ter plenitude de voz e atitudes. Falar do que quisesse, ter resposta para tudo e acreditar que tudo era possível, o mundo simples e aberto.

Um dia eu precisava saber quem teria feito o trinquinho da portinha da casinha da lua.

— Pssiu! — chamei. — Onde você se escondeu?

Minha aranhinha não respondeu, nem botou a cara nos vãos das telhas.

— Não gosto dessa brincadeira. Você sabe. Nada.

— Vou contar até três: um, dois, três.

Nem sinal.

Apavorei-me.

Olhos arregalados, revirei todos os cantos do telhado. Não a encontrei.

Empurrei a porta e vi, achatada no batente, pequena, sem cara, sem pernas, seca, minha aranhinha. Só o corpinho estraçalhado grudado na madeira.

Estremeci. Quis pegá-la para tentar ao me-

nos abrir-lhe os olhos de dentro, mas, ao tocá-la, desfez-se em pó e uma rajada de vento espalhou-a por espaços desmedidos.

Comecei a chorar. Não bastava. A tristeza não saía. Quis me morrer, não pude. Me morrer eu ainda não sabia. Gritei:

— Zezinho! Zezinho!

Calei-me porque lembrei que ele não estava. Tinha ido com minha mãe emprestar não sei o que da dona Ernestina.

Saí do quarto e sentei-me na escada para esperá-lo e pedir socorro.

Mas, quando ele chegou, lembrei que não poderia dar a notícia assim de qualquer jeito. Criança é fraca, eu sabia.

Enquanto esperava o momento oportuno, uma dúvida terrível me assaltou.

— Zezinho, você acha que no céu tem comida de aranha?

Ele não respondeu, e eu silencieei perdoadando.

— Você acha que céu de gente é maior ou menor que o céu dos bichos?

Ele de novo não me respondeu e de novo silencieei perdoadando.

— Será que Deus mesmo é que põe rubim socado nos machucados de gente morrida ou ele manda São Pedro ou outro santo colocar?

— Chi... Não sei — respondeu ele sem me olhar.

Pegou seu papagaio de jornal e saiu na carreira.

Senti que seus olhos internos, como os olhos



dos outros, olhavam agora para outra direção.

Vesgos, se desviaram do meu rumo e me deixavam, desde então, órfã de afinidade e crença.

O Zezinho se misturou nas besteiras dos homens e estes, do tamanho natural, não me davam espaço para alcançá-los, nem faziam nada para que eu, no mínimo, pudesse ter passadas mais longas.

Quando eu perguntava de que cor era o céu, me respondiam o óbvio: bonito, grande, azul etc. Não entendiam que eu queria saber do céu de dentro. Eu queria a polpa, que a casca era visível. Por isso foi que resolvi manter contato com as pessoas só em casos de extrema necessidade.

Ao contrário dos seres humanos, os animais se mostraram amigos e coerentes.

Aprendi a falar com eles. Imitava todo e qualquer pássaro da região. Tirava de letra todas as mensagens dos cães, gatos, cavalos, formigas, baratas etc.

Quando para rir eu imitava as coleirinhas, para negar alguma coisa, latia, ou para pedir, miava, as pessoas começaram a me olhar torto.

Foi por isso que me botaram uma correntinha com um crucifixo no pescoço, aconselhados pelo padre da igreja local. Ensinarão-me o pai-nosso-que-estais-no-céu com o seja-feita-a-vossa-vontade.

Fiz todas as vontades, dentro do meu limite de compreensão.

Um dia, a mando de minha mãe, dei um pulinho na horta para buscar couve para o jantar.

Acontece que, lá chegando, encontrei uma fila enorme de formigas, que carregavam uma barata morta.

Fiquei terrivelmente amargurada.

Doí a dor dos seus familiares e amigos. Como estariam os filhos, a mãe, o esposo ou esposa?

Achei que seria o cúmulo não mostrar minha dor e solidariedade. Aderi ao ato fúnebre.

Amarga e cabisbaixa, acompanhei-a até a última morada. *abruca barata*

Não sei quanto tempo perdi, mas quando cheguei em casa já escurecia e a família estava preocupadíssima com minha demora.

Diante do clima de apreensão, fui logo explicando, naturalmente:

— Não aconteceu nada. É que eu fui acompanhar o enterro da barata.

Foi um silêncio geral. Percebi pelos olhares que havia alguma coisa pior que o atraso. Ou não havia explicado direito?

Pensei então em me fazer compreender. Pus-me a latir desesperadamente. Ao contrário do que eu previa, minha mãe começou a chorar.

Foi assim que nesse mesmo dia, à noite, levaram-me à casa da dona Chica Espanhola. Depois de fazer várias gesticulações estranhas, sentenciou:

— Tem que trazer a menina aqui nove dias seguidos. Está com acompanhamento. O espírito de Zumbi está do lado direito dela. Vou fazer um trabalho especial. Afasto o coisa-ruim e peço a guarda da Menina Izildinha.

Naquela noite, deitei-me com o lado direito espremido contra o colchão de palha. Cochilava e acordava sobressaltada. E se o coisa-ruim, não podendo estar do meu lado direito, montasse nas minhas costas?

Voltava ao sono intransigente quando olhava para o oratório e via, entre velas acesas, inúmeros folhetos de orações e imagens de mil santos, que ali foram postos com a responsabilidade de me proteger.

A partir de então camuflei meus latidos. Engoli todos os miados para não denunciar a insistência da doença.

Nunca mais “andei de sapo”, mas tinha certeza de que ainda estava mal acompanhada, porque falar com os animais eu não falava, não podia, mas vontade não me faltava.

Foi exatamente nessa época que peguei bicho-de-pé. Fiquei imensamente feliz. A única coisa que atrapalhava é que não podia contar para ninguém, nem para minha mãe, porque quando ela descobria que qualquer um de nós conseguia um, pegava logo uma agulha, queimava a pontinha na labareda da lamparina e cutucava até arrancar o querido bicho do dedo da gente.

Mas eu já não estava só. Com meu bicho-de-pé mantive diálogos longos.

Para ele passava minhas tristezas e alegrias. Havia um fio interno que levava meu pensamento até sua casinha, na curva do dedo do pé. Daí vinha uma coceira gostosa, trazendo-me respostas, consolos. Nossos pensamentos se cruzavam rindo ou chorando. Um dia, diante de tanta feli-



cidade depois do namoro, não resisti. Peguei uma folhinha de calendário que mostrava a figura de um cão enorme com língua de fora e pêlos macios. Através dele enviei um recado aos outros amigos:

— Olha, faz favor de dizer pra todo mundo que eu estou muito, mas muito feliz mesmo. Peguei um lindo bicho-de-pé. Fala que eu não estou de mal de ninguém. É que o espírito de Zumbi — fiz o sinal-da-cruz — está me perseguindo e pode até pegar neles. Juro que nunca, nunca me esqueci de ninguém. Quando o espírito mau for embora e a Santa Izildinha chegar, eu aviso. Por enquanto tchau. Dorme com Deus.

Viagens

Vida sem atrativos, comecei a planejar. Mudar-me, sair de casa.

Não para longe dos meus pais e irmãos. Mas para uma árvore qualquer, ao lado de um João-de-Barro, ou mesmo para o galinheiro e morar com a nossa galinha garnisé. Poder extravasar. Desmedir.

Caí em mim, porém. Nas conversas comigo, vi a impossibilidade de realizar tal sonho. Como explicar isso para minha mãe e obter a aprovação da família? O mínimo que ia acontecer era novamente agüentar a dona Chica, tomar chás e mais chás. Ver outra vez minha mãe chorando pelos cantos e eu atada da cabeça aos pés, doída e sem solução.

Mandei às favas meus planos. O negócio era mesmo morrer ao lado de todos os seres vivos. Alienei-me para inserir-me no contexto.

Fiz amizades chegadas com a criançada da colônia. Queria aprender a chorar por causa de boneca, rir à toa, andar grudada nas pernas dos adultos, mendigar balas de hortelã.

Entrosei-me. Animais, nem pensar. Até ria



quando uma criança mais imbecil metia chutes na barriga de algum cachorro que dormia nos lugares por onde ela devia passar.

Deixei de ser e criar problemas. Tornei-me *quin* maria-vai-com-as-outras para qualquer lugar, fazer qualquer coisa. Um dia descobri um jeito de me dar prazer enquanto obedecia ao ritual de aceitação.

Diante da casa da dona Ernestina havia uma paineira enorme. Todos gostavam dela. Era usada para os mais variados tipos de brincadeiras.

Os meninos, à sombra fresca, faziam arapucas e construíam papagaios.

As meninas montavam balanços e passavam horas e horas indo e vindo no passeio pelos ares.

— Vamos ver quem vai mais longe?

— Primeiro eu.

— Segundo — respondia alguém.

Balançavam contando as idas, erguendo as pernas, soltando as mãos das cordas, criando e recriando para tornar mais emocionante a brincadeira.

Eu esperava minha vez. Não tinha tanta pressa, nem me magoava se ficasse por último. É que eu brincava de outra coisa. No balançar, eu ia para lugares que elas nem podiam imaginar que existiam e que poderiam conhecer. Quantas e quantas vezes fui para São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas etc. Mas eu ia e voltava logo, dentro do limite das balançadas propostas. Fazia tempo que eu andava querendo ir para Santos, porque ouvi o enfermeiro da fazenda contar para minha mãe que havia ido e que tu-

do tinha sido maravilhoso. Descreveu prédios e ruas. Falou do fim do mar, arrastando a barriga azulada na beira da praia.

Contou que todos tomavam banho na água salgada e depois se deitavam na areia branquinha para se enugar com o sol.

Por tudo isso é que eu queria ir para Santos. Difícil, porém, esta viagem, porque viajar nas vinte balançadas não ia dar para quase nada. Não queria ir: ver com os olhos e lambem com a testa.

Queria descer, pisar areias, molhar o corpo, adoçar a boca com o famoso sal. Para isso e mais alguma coisa inesperada, precisava, no mínimo, do dobro das balançadas.

Pensei na hipótese de ir para a estação-árvore sozinha, mas o saci era terrível. Ele vinha nos redemojhos, roubava os filhos das mães e sumia com eles. Levava crianças para as montanhas, onde elas eram alimentadas com barro, e, para a sede, só tinham as gotas de orvalho que rolavam das folhas dos pés de sabugueiro. Dias atrás, tinha dado sumiço em duas: na Cidinha, filha do João Preto Boiadeiro, da fazenda Quebra-Pote, e na Creonice, filha da dona Maria Mulata, que morava no sítio Das Palmeiras.

Mas um dia, quando eu menos esperava, veio a solução.

— Quem deixar eu balançar hoje as minhas vinte e as vinte dele, amanhã, depois e depois balança todas as minhas. Fico três dias sem balançar, e quem topa balança um montão.

Várias crianças aceitaram o negócio. Nun-



ca haviam trocado nada com tanto lucro. Fechei com a Neide.

Sentei-me no balanço e iniciei a caminhada. Fechei os olhos para poder ver melhor o trajeto.

Num instante, estava no centro da cidade. Vi os prédios onde as pessoas riam riso de rico nas janelas escancaradas, e flores encolhidas nos jardins suspensos.

Senti fome e parei para dar uma beliscada. Comi pão de padreiro com mortadela, bebi garapa de cana. Não quis igualzinha às que eu estava acostumada a beber: água morna com açúcar. Descansei um pouco e rumei para a praia. Já ia botar o pé na água, quando lembrei que não se pode entrar nos rios com a barriga cheia. Sentei-me então.

Respirei profundamente para chamar o mar. Ele olhou-me resabiado.

Pensou, pensou, decidiu atender ao meu pedido. Andou de cobra, preguiçoso e pesado. Senti certo medo. Tanto mistério na sua enormidade, tanta magia nas suas lendas! Tanta perfeição e sapiência no seu devolver à terra o que dela leva! Mas ele se chegou, humilde e fortedoce.

De afinidades fiquei plena e tomei liberdades.

— Muito prazer. Estou te amando. *gmi*

— O prazer é... *cmi*

Nisso um empurrão me jogou longe da praia.

— Ladrona! Você deu vinte, mais vinte, e mais uma. Boneca de piche, cabelo de bom-bril! *neid*

Pode ir embora! — era a Neide cobrando meu desrespeito ao trato.

Todos começaram a me xingar impiedosamente, exigindo que eu me retirasse. Pus-me a chorar desesperadamente. Boneca de piche, cabelo de bom-bril eram ofensas de rotina. Tudo bem. Mas e o mar esperando de boca escancarada? E as palavras suspensas na garganta do mestre?

De nada adiantaria eu argumentar. Não me deixariam mesmo voltar à praia, e, caso deixassem, eu nem saberia pedir desculpas ao mar pela falta de educação das minhas amigas.

Fui para casa chorosa, pensando que o saci até poderia não ser tão ruim quanto diziam. Talvez fosse alguém desentendido e, com algumas explicações, poderia até me deixar ficar sozinha na árvore e não me levar para lugar nenhum. Mal eu não faria a ele, nem ele a mim.

Eu poderia assim, sem a maldade dele, viajar. Eu sempre acreditei, ou tudo fiz para acreditar, na possibilidade de acordos, quando se ganha um tempo para diálogos.

Nesses pensamentos, cheguei em casa e encontrei minha mãe revirando uma caixa de camisa, onde guardava documentos.

Para disfarçar meu desinteresse por coisas que não me diziam nada, perguntei:

— A senhora está procurando o quê? *geni*

— Seu registro. Uma moça da escola vem aqui pra pegar os nomes das crianças com sete anos. Você vai completar... Onde você estava sumida?

— Na pra... no balanço com todo mundo. Quando eu vou pra escola?

— O nome a gente dá agora, mas só entra mesmo no ano que vem.

— Quem mais vai entrar? *geni*

— Toda criança que tem mais ou menos a sua idade. O Toninho, o Flávio, a Ana. Muitas crianças.

— E se, no caminho, o Flávio me xingar de negrinha?

— Não quero saber de encrenca, pelo amor de Deus! Você pega e faz de conta que não escutou nada.

Calei-me.

Quem era eu para dizer-lhe que já estava cansada de fazer de conta?

Minha mãe achou o dito-cujo registro, ergueu-o, mostrando-me.

— Está aqui. *mãe*

Riu um riso de alívio e eu em resposta fiz de conta: ri.

Tempos escolares

Minha mãe trançava meu cabelo. Ela, sentada num banquinho que meu pai havia feito com os restos de um pilão, que, quando novo, triturava milho para as galinhas, e eu, de cócoras na sua frente, ouvindo silenciosamente.

meu — Amanhã, seu cabelo já estará pronto. Hoje você dorme com lenço na cabeça pra não desmanchar. Não se esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho antes de sair.

meu — Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? — perguntei.

meu — Põe de castigo em cima de dois grãos de milho — respondeu-me ela.

meu — Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e...

meu — Mas a Janete é branca — respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase.

Nisso, ouvi meu pai dizer lá da cozinha:

— Entra, Nhá Rosária. — E, ao mesmo tempo, mais alto: — Bastiana, a Nhá Rosária chegou.

Nhá Rosária era uma velha senhora negra, que morava noutra fazenda com uma família de fazendeiros. Nunca ninguém soube por que morava com aquela família, nem qual sua idade certa.

Uns diziam que tinha 98 anos, outros, 112.

Quando a ela era perguntado, respondia meio sem jeito:

— Só o meu filho que sabe.

— E onde está seu filho? — insistiam alguns.

E ela, já meio emburrada, resmungava:

— Ué, sinhozinho Pedro João, não sabe?

— O dono da fazenda?

— É — respondia ela. Daí então fechava a cara e ninguém mais era louco de mexer no assunto, com medo de que ela fosse embora e não nos contasse histórias da escravatura.

A verdade é que, quando a Vó Rosária — assim a chamávamos — chegava, já vinha acompanhada de toda a criançada. Todos queriam ouvi-la contar tão lindas e tristes histórias.

Foi assim que naquele dia, quando a Vó Rosária sentou-se, quase empurrada pela garotada, minha mãe apressou meu penteado para nos juntarmos aos outros para poder ouvi-la.

Chegamos quando ela dizia:

— ... e só com um risco que fez no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. Uns saíram dançando e cantando. Outros, aleijados por algum sinhô que não foi obedecido, só cantavam. Também bebida teve a rodo, pra quem gostasse e quisesse.

— Quem? — perguntei baixinho para o Li-



lico, que pegara a história desde o começo.

— Uma tal de Princesa Isabel. Cala a boca!!

E a Vó Rosária continuou. Ora enchia a fala de ênfase, ora falava tão baixo e emocionada que precisávamos aguçar os ouvidos para entender.

Determinada hora, não agüentei e perguntei:

— Vó Rosária, ela era santa?

Mas ela já dormia sentada, e a criançada começou a levantar-se para sair. No entanto, não fiquei sem resposta.

— Só haveria de ser, filha — disse meu pai.

— Das mais puras e verdadeiras — confirmou minha mãe.

“Só podia ser”, pensei eu.

Como já havia acomodado a Vó Rosária na caminha improvisada no chão, minha mãe tomou o rumo do quarto. Fui também para meu quarto e acendi uma vela.

Rezei três pais-nossos e três ave-marias. Ofereci a Santa Princesa Isabel, pedindo-lhe que no dia seguinte não me deixasse perder a hora de levantar, nem esquecer o nariz sujo. Agradei-lhe também por ter sido tão boa para aquela gente da escravidão. Deitei-me, formulando uns versinhos na cabeça. Quando soubesse ler e escrever — que ela ia me ajudar —, escreveria no papel e recitaria na escola.

Quando nos meus olhos dançava a chama da vela e no meu coração o versinho já surgia, minha mãe chamou-me.

— Filha, acorda que está na hora.

Não era preciso chamar-me. Eu não havia dormido.

Pulei da cama.

...Pai nosso que estais no céu...

— Pegou o lenço?

...santificado seja o vosso nome...

— Seu cabelo não desmanchou?

...venha a nós o vosso reino...

— Olha o rosto. Não tem ramela?

...seja feita a vossa vontade...

— Não briga com o Flávio no caminho que depois o pai dele conta pro Mariano. A corda rebenta do lado mais fraco e seu pai não gosta de ser chamado à atenção.

...assim na terra como no céu. Santa Maria, mãe de Deus...

A minha mãe recomendava e eu ia de lá para cá. Saia azul, blusinha branca. Alpargata nova nos pés. Pó-de-arroz por todo o corpo.

Nariz limpo.

Eu era negra... a Janete branca...

...agora e na hora de nossa morte...

Nisso ouvi chegando na porta de casa um barulho alegre. As crianças da colônia estavam em festa. Íamos para a escola.

Alguém me chamou.

— Geniiiiiii...

...amém.

— A bênção, mãe. Fica com Deus.

— Deus te abençoe. Vai com Deus também.

Não perde o lenço. Não vai brigar com o Flávio que depois...

O resto dos não ficaram no ar, pois eu já me havia juntado aos outros e me distanciava.

— Vou dar um beijo na professora na saída

— disse a Diva, que já estava no segundo ano.

— Eu também vou — disse a Arminda.

— Eu sempre beijo todas elas — cantou de galo a Iraci, que já era mais tarimbada porque tinha passado para o quarto ano.

— Todo mundo tem que beijar? — perguntei.

— Claro que tem — respondeu a Diva.

— Tem nada — contradisse a Iraci. — Quem quer beijar, beija. Quem não quer, não beija.

— Eu não beijo porcaria de professora nenhuma! — gritou o Dirceu, um negrinho terrível, que com muito custo havia sido promovido para a terceira série.

Eu não me abalei com a resposta do Dirceu, porque entrava numa dúvida terrível.

O que faria eu? Beijava ou não beijava? Devia ou não devia?

Será que teria coragem?

E se não beijasse, o que aconteceria?

Fiquei desesperada o tempo todo na classe. Buscava razão para beijar ou desculpa para não fazê-lo.

— Bem — disse a professora. — Agora vamos parar de fazer pauzinhos. Acho que todos

vocês conhecem cobra, não é? Então. Vamos desenhar cobrinhas.

Senti vontade de contar para ela que minha mãe sabia benzer picadas de cobras. Que um dia...

Deus me livre! Nunca teria coragem de interrompê-la. Além do mais, ela também devia saber. Era professora.

Dona Odete começou a cobrir a lousa de cobras sem cabeças e pauzinhos tortos.

Será que cobra-cega não tem cabeça? Acho que aquelas eram cobras-cegas...

"Deve ser isto", pensava eu.

E os paus, por que eram tortos? Será que ela não sabia desenhar um pauzinho direito? Será que não sabia fazer cabeças nas cobras?

"Meu Deus, beijo ou não beijo?"

— Por que você não fez?

Dei um pulo na carteira. Meu coração começou a bater na garganta.

— Explique, vamos! — gritava ela. — Olhe aqui o dele. — Pegou o caderno de um menino que estava sentado na carteira ao lado e colocou na minha cara, diante dos meus olhos. — Tudo certinho. Só você não fez, por quê?

— A cobrinha... — eu queria explicar.

As lágrimas começaram a sair e o soluço me prendia a voz.

Nisso, um sino estridente badalou forte. A criançada se pôs em alvoroço. Era o sinal da saída. Eu não conseguia parar de chorar.

Meu nariz escorria, escorria. Limpei a sujeira com a manga da blusa. Meu lenço, meu

Deus, onde eu o havia colocado? Por que água do olho tem sal e do nariz não?

"Acho que a mãe da gente coloca sal no nosso olho quando dormimos", pensei.

Não. Não podia ser. O olho da gente ia arder, com certeza.

E arrumei minha malinha de cadernos, sem pressa.

Senti um cutucão nas costas. Era a Diva me avisando:

— Eu já beijei. A Iraci e a Laurinha também já beijaram as delas. Anda logo.

Novo disparo no peito e o coração de volta para a garganta. O beijo! Não havia tempo para dúvidas. Só faltava eu.

Levantei-me depressa, ergui os pés e encostei os lábios no rosto da mestra. Dei dois passos em direção à porta, esbarrei na mesa, enrosquei o cadarço da alpargata no pé da cadeira. Abaixei para me livrar do enrosco e olhei para trás.

Dona Odete, com as costas da mão, limpava a lambuzeira que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto.

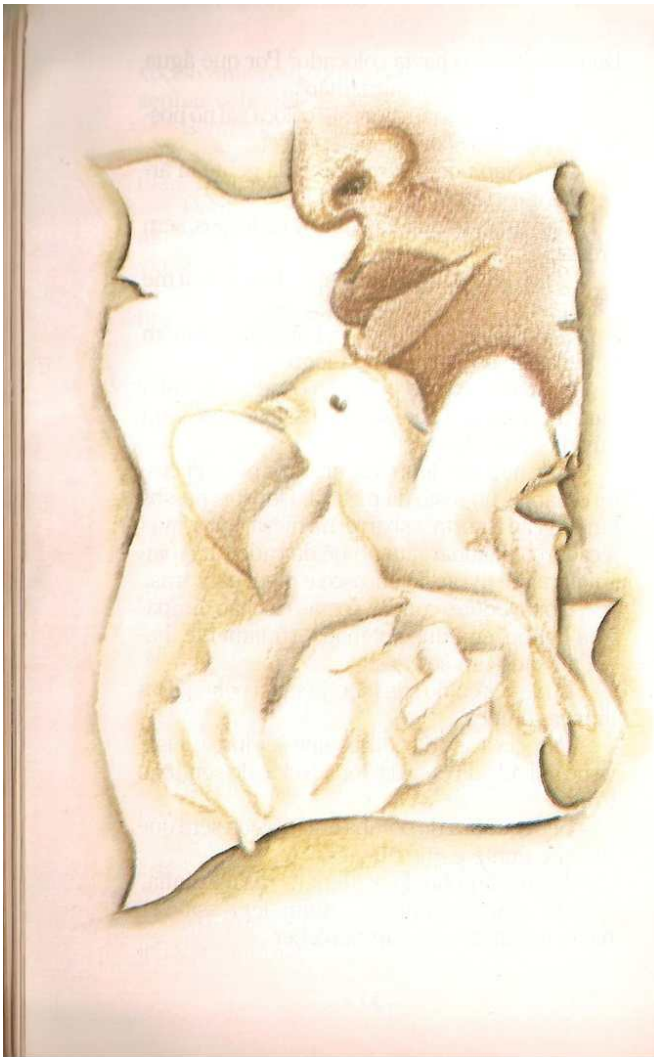
Pude ver então sua mão, bem na palma. Era branca, branca.

Parecia a asa da pomba que sempre pousava no telhado da casa da dona Neide do seu João Preto.

Será que asa de pomba era mão, ou será que mão de gente é que era asa?

Fiz o caminho de volta para casa sozinha.

As crianças andavam muito depressa e eu havia me atrasado sem perceber.



Em dado momento vi minha mãe, que me esperava num ponto da estrada.

mãe — Todo mundo já chegou, filha. Não fica mais pra trás. Larguei o pão no forno...

filha — Mãe, tem cobra sem cabeça?

mãe — Lá vem você com besteira de novo. Claro que não. Por quê?

filha — É que...

Comecei a chorar de novo. Soluçava. Doía-me a cabeça. Doía-me o estômago. Ela pegou-me no colo e, com a ponta do avental, limpou meu rosto melado de lágrimas. Deitei-me no seu ombro e tentei explicar minha dor sem nome:

filha — Estou chorando porque estou com fome.

Metamorfose

Ano seguinte, já no primeiro dia de aula, levava na bolsa um poema de quatro versos que dizia assim:

Foi boa para us escravos
E parecia um mel
Acho que é irmã de Deus
Viva a Princesa Isabel.

De imediato, não tive coragem de mostrá-lo para a professora.

Cada vez que tentava, ficava gelada e o coração já ia correndo bater na garganta.

Mas no segundo dia de aula, uma hora em que ela disse que a minha letra era bonita, arranquei da bolsa o poema e lhe entreguei.

Ela foi até a mesa e sentou-se com meu papelzinho na mão. Leu e releu. Pegou a caneta, riscou qualquer coisa por sobre meus versos e mandou o Pedro chamar o diretor.

Imediatamente me deu vontade de urinar e vomitar. Será que havia feito alguma coisa errada? E se houvesse feito, iria para os grãos de milho nos joelhos?

Chegou o diretor seguido do Pedro.



Dona Cacilda deu-lhe o papel. O diretor leu. Ficaram algum tempo conversando baixinho e apontando alguma coisa que eu havia escrito.

Depois ele saiu e a professora devolveu-me o poema e continuou a aula calmamente, sem um gesto que me explicasse o bom ou o ruim dos versos. Mas a qualquer barulhinho ficava eu toda trêmula, ávida por um sinal, uma explicação por mais banal que fosse.

Assim fiquei até o final da aula, mas quando a minha fila saía e passava pela porta da diretoria, o diretor saiu, procurou-me com os olhos e disse:

Parabéns.

— Não foi nada. Obrigada.

Fui para casa feliz. Sabiás empoleirados na cabeça da alma.

Devia ser dia dez ou onze do mês de maio.

Dona Cacilda, logo após o recreio, disse-nos:

— No dia treze agora, vamos fazer uma festinha para a Princesa Isabel, que libertou os escravos. Quem quer recitar?

Várias crianças gritaram:

Eu! Eu! Eu!

Pluft, pluft... meu coração lá foi de novo pulsar na garganta. Era a hora e a vez de expor meu poema. Não podia perder a chance. Mas como conseguir coragem? E se errasse?

— Assim não dá! — gritou a professora. — Levantem a mão.

Levantei a minha, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas.

— Você... Você... Você...

Não fui escolhida. Tantos não era possível, explicou-nos ela. Mas eu não podia perder a oportunidade. Corri atrás dela, sôfrega.

— Dona Cacilda, eu tenho aquela que fiz outro dia, que eu mostrei pra senhora e a senhora chamou o diretor e ele falou parabéns e eu deixo ela maior...

Falei tudo sem respirar. Sem piscar. Medo de não convencer, de apertar os olhos e as lágrimas escaparem do controle da emoção.

Saturei.

— Está bem. Amanhã você traz a poesia e a gente ensaia.

Acariciou meu rosto e riu chochamente.

Sua mão parecia pena de galinha e seus lábios, no riso, tinham muito a ver com as casquinhas de tomate caipira que minha mãe colocava no tempero do arroz.

Fui para casa meio angustiada. Já quase me arrependia de insistir. O aumentar e decorar o poema não era nada. Difícil era não tremer, não chorar, não esquecer na hora.

Pensei em não ir às aulas por uns dias, inventar uma dor de barriga... Mas não podia faltar com a Princesa Isabel. Ela merecia. Se não fosse ela...

Que pecado seria maior: mentir que estava doente ou não homenagear a Santa Princesa Isabel?



Optei por ir e não ficar em pecado. Antes tremer, chorar, do que ser castigada por Deus. Por Deus ou por Santa Isabel? Pelos dois, claro.

Ela teria que pedir o consentimento dele para me punir, já que ele é o Pai, o Chefe, dono de todas as decisões.

Haveria na certa uma reunião no céu entre santos e santas, anjos e anjas... Não. Anjos e anjas não. Crianças não opinam, não decidem nada. Nem votam. Ah! Mas se eles pudessem...

Se pudessem, seria fácil. Eu mesma conhecia vários anjinhos...

A Tilica 1, que morreu de lombriga aguada, a Luzia 2, que morreu de bucho-virado, o Jorge 3, que morreu de cair no poço...

É. E tinha mais ainda e, por sorte, todos da minha cor. Seriam votos a meu favor, certamente. Fora a Ana, que era branca, o João Cláudio... Acho que até eles...

Mas não adianta ficar pensando. Criança só ouve, quando pode.

O fato é que no céu todo mundo ficaria sabendo. Uma vergonha imensa invadiu-me toda, como no dia em que fui pega tentando descobrir a passagem do ovo do galo para a barriga da galinha. Credo-em-cruz!

Não havia mesmo outro jeito. O negócio era assumir logo de uma vez, tentar fazer tudo bonito e direito.

Comi depressa no almoço. Engoli quase inteiros os alimentos. Engasguei com as espinhas de mandiúva. Pus-me a escrever afoitamente. Aumentei. Criei quatro novos versos.

Os homes era teimosos
E os donos deles era bravo
Por isso a linda Isabel
Soltou tudo us escravo.

Reli os versos antigos e achei que deveriam ficar por último, para encerrar a declamação com o "Viva a Princesa Isabel".

Ao meu poema dei um título: "Santa Isabel". Assim ficou:

"Santa Isabel"

Os homes era teimosos
E os donos deles era bravo
Por isso a linda Isabel
Soltou tudo us escravo.

Foi boa que nem um doce
E parecia um mel
Acho que é irmã de Deus
Viva a Princesa Isabel.

Em meia hora havia decorado tudo.

Daí comecei a declamar pausadamente. Às vezes começava do fim e voltava para o começo. Tudo certinho. Nem um pulo nas frases, nem um gaguejar, nada.

No dia seguinte, coloquei meus escritos sobre a mesa para a apreciação da professora. Ela os pegou, leu, fez as correções ortográficas, como, por exemplo, colocar *ns* no final da palavra *homes*, concordar adjetivos etc. Devolveu-me.

— Decore que amanhã você recitará, certo? Não contei que tudo estava na ponta da língua.

A festa seria depois do recreio, no dia seguinte. Mas, assim que entramos na classe, ela se pôs

a falar sobre a data:

— Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte. Quando...

E foi ela discursando por uns quinze minutos.

Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.

Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!

Quis sumir, evaporar, não pude. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso estiquei o dedo indicador e no ar escrevi: "Lazarento". Era pouco. Acrescentei "morfético". Acentuei o *e* e voltei para a classe.

No recreio a Sueli veio presentear-me com uma maçã e a Raquel, filha do administrador da fazenda, ofereceu-se para trocar meu lanche de abobrinha abafada pelo dela, de presunto e mozzarella.

Não os comi, é claro. A compensação desvalia. Não era como o leite, que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto.

Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... Vida?



Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria?

Na hora da festa, estava um trapo.

No entanto, não me preocupavam mais os erros ou acertos, sucessos ou insucessos. Era a vergonha que me abatia. Pensava que era a grande da classe só porque era a única a fazer versos... Quantas vezes deviam ter rido de mim, depois das minhas tontices, em inventar cantigas de roda... Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães... Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da História. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país. Os idiotas dos negros, nada.

Por isso que meu pai tinha medo do seu Godói, o administrador, e minha mãe nos ensinava a não brigar com o Flávio. Negro era tudo mole mesmo. Até meu pai, minha mãe...

Por isso é que eu tinha medo de tudo. O filho puxa o pai, que puxa o avô, que puxou o pai dele, que puxou... E eu conseqüentemente ali, idiota fazendo parte da linha.

Caí em mim com a professora falando:

~~tax~~ — Esqueceu? Não faz mal. Na outra festa você recita. Logo chega o dia de Anchieta, do soldado... Vamos sentar. Não tem importância.

Levou-me com cuidado e me fez sentar numa cadeira ao lado dos outros professores, na

frente. Eu sentia muito sono e sede. Estranhei o fato do meu coração estar quieto, sem saltar para a garganta.

Apalpei o pescoço de todas as maneiras. Já ia constatar se estava no peito, mas desisti.

“Será que ele morreu? Para o inferno! Se quiser morrer, que morra”, pensei, olhando a sujeira do nariz, que saiu preguiçosa e caiu sobre as pregas estreitas da saíinha azul novinha, novinha.

Naquele dia ninguém correu na volta para casa.

Iam todos a minha volta, preocupados porque eu não conseguia andar depressa. Sentia-me sem peso e quando mudava o passo achava que o chão à frente estava em desnível, longe, mole.

Quando cheguei em casa, minha mãe falou:
— Seu almoço está em cima do fogão. Depois você leva o prato lá no tanque que eu já estou indo lavar os trens.

Desvencilhei-me do material escolar e peguei o prato de comida.

Já ia saindo para jogar tudo para as galinhas do terreiro quando pensei que, se eu levasse o prato logo, minha mãe ia desconfiar, porque não se almoça em tão pouco tempo. Resolvi aguardar. Destampeí a vasilha e comecei a remexer a comida. Separei os grãos de feijão preto com o cabo da colher e atirei-os no meio das labaredas que mantinham aceso o fogão. Depois atirei a comida no quintal e fui levar o prato, como minha mãe havia recomendado.

Até então, as mulheres da zona rural não conheciam “as mil e uma utilidades do bom-bril”

e, para fazer brilharem os alumínios, elas trituravam tijolos e com o resultante faziam a limpeza dos utensílios.

A idéia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo.

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele.

Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d'água.

Quando cheguei em casa, minha mãe, ao me ver toda esfolada, deixou os afazeres, foi para o fundo do quintal, apanhou um punhado de rubim e, com a erva, preparou um unguento para minhas feridas.

Enquanto umedecia um paninho no preparado e colocava na minha perna, dizia:

— Deus me livre! Eu canso de falar: não sobe nos muros, não brinca de correr, e que nada! Entra por um ouvido e sai pelo outro. Parece moleque. Mentira! Nem moleque faz isto. Vê se o Zezinho...

Eu ouvia sua voz distante, bravadoce. Bál-samo.

Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens.

Alicerce

Meu pai chegou do trabalho na lavoura, tirou do ombro o borsal com a garrafa de café vazia e sentou-se num degrau da escada da porta da cozinha.

Pediu-me que fosse buscar o rolo de fumo de corda que ia, enquanto esperava o jantar, preparar os cigarros para a noite e o dia seguinte.

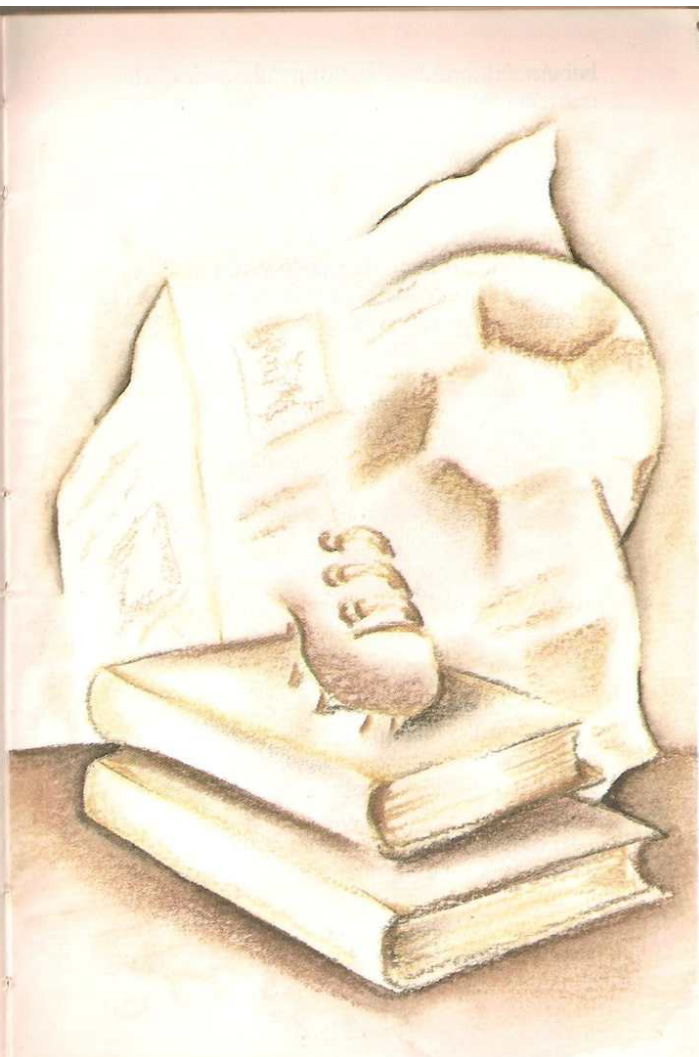
Trouxe-lhe, e, ao desembulhar o fumo, ele deu com a cara do Pelé sorrindo no jornal do embrulho. Enquanto desamassava o papel para ver melhor, disse-me:

— Este sim teve sorte. Lê aí pra mim, filha. Fala devagar senão eu não decifro direito.

Peguei o jornal e comecei a ler o comentário, que contava suas façanhas esportivas e dava algumas informações sobre a vida fantástica do jogador. Muitas palavras eu não sabia o significado, mas adivinhava quando olhava no rosto do meu pai e ele soltava ameaças de risos, sem tirar o olho da mão trêmula que picava o fumo.

Quando terminei a leitura, ele disse:

— Benza Deus. Você viu só, minha filha? Era assim como nós. O pai dele é que deve não ca-



ber em si de orgulho. Vendo um filho assim, acho que a gente até se esquece das durezas da vida.

Deu um suspiro comprido e acrescentou:

— Se a gente pelo menos pudesse estudar os filhos...

Senti uma pena tão grande do meu velho, que nem pensei para perguntar:

— Pai, o que mulher pode estudar?

— Pode ser costureira, professora... — Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. — Deixemos de sonho.

— Vou ser professora — falei num sopro.

Meu pai olhou-me como se tivesse ouvido blasfêmias.

— Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. — Olhou-me com ar de consolo. — Bem que inteligência não te falta.

— É, pai. Eu vou ser professora.

Querida que ele se esquecesse das durezas da vida.

Quando já cursando o ginásio eu chegava com o material debaixo do braço, via-o esperando por mim no início da estrada, na chegada da colônia.

Num desses dias, quando atravessávamos a fazendinha e falávamos sobre meu estudo, ele disse:

— Tem que ser assim, filha. Se nós mesmos não nos ajudarmos, os outros é que não vão.

Nisso ia passando por nós o administrador, que, ao parar para dar meia dúzia de prosa, cumprimentou meu pai e lhe falou:

— Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor.

— É que eu não estou estudando ela pra mim — disse meu pai. — É pra ela mesmo.

O homem deu de ombros e saiu tão lentamente que quase ouviu ainda meu pai me segredando:

— Ele pode até ser branco. Mas mais orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai ter.

Sorriu, tomou minha mão e continuamos a caminhada.

— Pai, de que cor será que é Deus...

— Ué... Branco — afirmou.

— Mas acho que ninguém viu ele mesmo, em carne e osso. Será que não é preto...

— Filha do céu, pensa no que fala. Está escrito na Sagrada Escritura. A gente não pode ficar blasfemando assim.

— Mas a Sagrada Escritura...

Ele olhou-me reprovando o diálogo, e porque não podia ir mais longe acrescentei apenas:

— É que se ele fosse preto, quando ele morresse, o senhor podia ficar no lugar dele. O se-



nhor é tão bom!

Em toda a minha vida, nunca vira meu pai rir tanto.

Riu um riso aberto, amplo, barulhento. Assim, rindo, foi até chegar em casa e, quando minha mãe olhou-o de soslaio, disse para meus irmãos:

— Com certeza viu passarinho verde.

Como ele não parava de rir, todos aderiram e a sala ficou agitada e alegre.

Foi quando me escapou a emoção, dei um passo comprido e beijei a barriga da minha mãe. Diante do gesto incomum todos ficaram me olhando, meio jeito de espanto.

Fiquei envergonhada e fingi que tirava, com a unha, uma casquinha de coisa nenhuma escondida entre os dentes do fundo.

Mulher

geni — Mãe, nasceu um carocinho aqui. Será que é cabeça-de-prego? Todo dia dá umas pontadinhas...

Ela imediatamente deixou a massa do pão sobre a mesa, lavou as mãos e veio. Levantou minha blusa e apalpou o caroço.

mal — Não é cabeça-de-prego.

geni — Pensei que fosse. O que será que é, então?

mal — Nada de mau. É assim mesmo.

Encerrou o assunto e eu procurei no rosto dela o que seria o tal caroço. Nenhuma mudança nas feições, nenhum sinal de preocupação. Se fosse alguma coisa grave, certamente ela ia chorar, mandar chamar meu pai no trabalho, fazer qualquer coisa.

Como tudo continuou normalmente, acalmei-me amparada pela certeza da sabedoria dela.

Mas os dias foram passando e a dita-cuja bolinha, em vez de sumir, crescia e doía cada vez mais. Voltei às antigas preocupações.

Apelei então para a bondade e vivência da



minha irmã Maria, que estava passando uns dias em casa com os filhos.

gên Maria, o que será que é então?

Uco O quê?

gên Este carocinho aqui no meu peito. A mãe falou que não é nada, mas não pára de doer e cada dia está mais inflamado.

A Maria olhou-me sem muito interesse e respondeu com paciência:

Maria A mãe falou a verdade. Não é nada mesmo. — Riu encabulada. — É que está nascendo mamica em você. Logo, logo está do tamanho do meu. Olha aqui.

Apontou os seios enormes e eu, envergonhada, cruzei os braços sobre o peito, para esconder os meus, que despontavam incautelosamente.

Certa, então, de que não era portadora de nenhuma doença grave, esqueci-me completamente dos caroços. Dias depois, em plena aula de Matemática comecei a sentir umas dores esquisitas na barriga. Foram aumentando, e quando vi que não agüentava mais falei com a diretora e pedi para ir para casa. Minha mãe saberia fazer algum chá para acabar com aquela dor.

Saí pela estrada, zozna e angustiada. Quando a dor aumentava eu parava e esperava até que diminuísse, depois retomava a caminhada e ia, até que de novo desse a maldita cólica.

Já pertinho de casa, senti alguma coisa escorrendo entre as minhas coxas. "Acho que estou com a urina solta", pensei.

Parei e entrei no canavial para ver. Ergui a

saía e deparei com minha calcinha, minhas pernas ensangüentadas.

Fiquei apavorada. Que seria aquilo, meu Deus? Por que saía tanto sangue de dentro de mim, sem mais nem menos?

Não tive dúvidas. Dessa vez era doença gravíssima, sem possibilidade nenhuma de cura.

Saí correndo. Queria voar para chegar o mais rápido possível.

A porta da cozinha estava encostada e, num só empurrão, escancarei-a.

Ela mexia alguma coisa na panela. Olhou-me assustada, esperando explicação pela postura incomum.

gên Mãe, olha... Acho que arrebentou tudo quanto é veia. Me ajuda!

Ela abandonou o que fazia, sentou-se na tampa do fogão e meio sem jeito começou a explicar:

Mãe Você virou mulher, besta. Pra todo mundo é assim. Eu, a Arminda, a Iraci, a Maria, a Cecília, até a Cema passamos por isso. É assim mesmo que acontece.

Parou de falar e esperou que eu me acalmasse. Pegou na minha mão e tomou o caminho do tanque, onde lavava toda a roupa da família.

Arrancou-me todas as peças e enfiou-me embaixo da torneira. Esfregou as mãos sobre meu corpo e brincou acanhada:

Mãe Menina exagerada, credo! Agora acabou a brincadeira. Você não pode mais ficar brincando com os moleques e sentar com a perna que nem leque. Não é mais criança. Tem que tomar



modos de gente. Quando a gente vira...

Ela foi falando, falando, falando. Eu fiquei olhando meu sangue de menina escorrer lentamente, misturar-se à água da torneira e sumir no ralo do tanque.

Ia-se minha criança, deixando-me abobalhada e sonsa, sem tempo de mais um brincar de roda, mais uma viagem no balanço. Fiquei ali de boca aberta. Mulher, como me contaram. Apenas.

Mulher, terminando o ginásio.

Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.

Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.

Mulher, rindo para esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizes dos passos.

Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.

Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.

Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel.

Momento cristalino

Para dezembro foi marcada a data para realização do evento.

Minha colação de grau.

Em casa conversamos e decidimos que todos da família estariam presentes.

Discutimos o ter que calçar e vestir todo mundo adequadamente, como exigia a ocasião.

Fizemos o balanço e, vendo a escassez do dinheiro, concordamos no seguinte: só compraríamos tudo novo para mim. Os outros só comprariam aquilo que não tivessem mesmo, de jeito nenhum. Portanto, compramos roupa para um, sapato para outro e assim por diante.

A Cecília tinha dois vestidos de sair e a Cema dois pares de sapatos, porque tinha ganho um da sua madrinha de crisma. Então, minha mãe usaria um dos vestidos da Cecília e um dos pares de sapatos da Cema.

Para meu pai compramos um terno lindo, azul. Compramos ainda uma gravata listrada e um par de meias brancas. Emprestamos para ele o sapato do cunhado Zé e cerzimos uma camisa branca que só tinha uns rasgadinhos na gola.

No dia, todos estavam nervosos, mas arru-

maram-se muito cedo para a cerimônia.

Meu pai cortou o cabelo do Zezinho, do Dirceu e dos outros homens da família. Depois o Joãozinho cortou o do meu pai.

Tanta gente e tanto esmero na arrumação fizeram com que chegássemos ao local do evento em cima da hora.

Indiquei-lhes o lugar onde deveriam ficar e fui ocupar o meu, entre os formandos. De onde estava, via-os todos, incomodados nos trajés de missa.

Veze em quando, encorajava-os com um riso. Meu pai, ao lado da minha mãe, estava pleno, altivo, sereno. Com os olhos, acompanhava todos os meus movimentos, engolindo salivas de prazer.

Minha mãe me bebia através dos ares do meu pai, que, embevecido, ajeitava a gola da camisa, propositalmente, me segredando que estava feliz.

Fui chamada para receber o certificado. Eles, meus pais, não se puderam conter só com as palmas. Levantaram e me aplaudiram em pé. Mãos abertas, barulhentas, livres.

Meus irmãos, contagiados, perderam a timidez e também se puseram em pé, me aplaudindo e apontando, como se só eu existisse ali, como se no momento eu estivesse me apossando da chave do céu.

O diretor esperou pacientemente até que eles percebessem o ultrapassar do limite e fossem, um a um, retomando seus lugares nos bancos.

Terminada a entrega dos certificados, fui



convidada para discursar, por ter sido escolhida para oradora da turma.

De novo, meu pai ficou em pé, desatou o nó da gravata e assumiu postura de rei. Para melhor me ouvir, esqueceu a etiqueta, fez conchas com as mãos e envolveu as orelhas.

As formalidades todas terminaram. Fui até eles para voltarmos juntos.

Eu, princesa, entreguei meu certificado ao rei, que o embrulhou no lenço de bolso e passou a carregá-lo como se fosse um vaso de cristal.

Em casa, tomados de euforia, começamos a relembrar os acontecimentos da festa. Rimos das palmas fora de hora, das mãos do meu pai segurando as orelhas, da cara do diretor ao vê-los donos do ambiente.

Determinada hora, minha mãe interrompeu nossa sadia algazarra e disse:

— Agora é que vocês vão dar risada de verdade. — Cutucou meu pai. — Mostra pra eles, Mariano.

Ele, fingindo brincar de mágico, retirou os sapatos dos pés e nos mostrou: duas bexigas enormes desfiguravam seus calcanhares e algumas escoriações marcavam toda a região nos peitos dos pés.

Fiquei extática. Tudo aquilo por mim, para mim. Toda aquela dor para me ver receber o certificado. Não me contive.

— Perdão, pai.

— Perdão do quê? Eu é que peço perdão. Imagine só... Esquecer de usar a meia. Já pensou se um dos seus amigos visse? Deus me livre de te envergonhar!

Pensou um pouco e arrematou a conversa:
— E quer saber de uma coisa? Se precisar, enfio de novo o desgraçado do sapato do Zé no pé, sem meia e tudo, e volto lá pra bater todas aquelas palmas de novo.

Novamente, leve onda de riso encheu a sala. O Dirceu pediu a bênção e se retirou para dormir. Todos fizeram a mesma coisa, e eu já estava para imitá-los, quando o vi procurando alguma coisa.

— O senhor queria alguma coisa, pai?

— Estou vendo onde foi que guardei o danado do diploma. Vou dormir com ele debaixo do traveseiro que é pra sonhar sonho bonito.

Força flutuante

Com o certificado na bolsa, saí para procurar emprego.

Consegui numa escola substituição para o ano todo. Dar aulas numa classe de primeira série que “sobrou” das professoras que, sendo efetivas no cargo, optaram por alunos maiores e em processo de alfabetização mais avançado.

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, supor-tei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas.

Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão “para simples conferência”.

Soou o sinal de entrada e meus pequerruchos entraram barulhentos, agitados.

Só uma menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aula.

— Eu tenho medo de professora preta — disse-me ela, simples e puramente.

Tanto medo e doce misturados desarmaram-me. Procurei argumentos.



gemi — Vou contar pra você histórias de fadas e...

A diretora — O que aconteceu? — Era a diretora, que, devido ao policiamento, chegou na hora H.

Contei-lhe o ocorrido e ela prontamente achou a solução.

voce — Não faz mal. Eu a coloco na classe da outra professora de primeira.

Reagi imediatamente. Acalmei-me e socorri-me.

gemi — Por favor. Deixe que possamos nos conhecer. Se até a hora da saída ela não entrar, amanhã a senhora pode levá-la.

A diretora aceitou minha proposta e saiu apressada.

Vi, então, que era muito pouco tempo para provar a tão nova gente minha igualdade, competência. Mas algum jeito deveria existir.

Eu precisava. Precisava por mim e por ela.

Os outros aluninhos se impacientaram e eu comecei meu trabalho, com a pessoinha ali, em pé na porta, me analisando, coagindo com os olhinhos lacrimosos, vivos, atentos. Pedia explicações, punha preço e tinha pressa.

Assim prensada, fui até a hora do intervalo para o lanche, falando, falando. Olhava para a classe, mas falava para ela. Inventei o primeiro dia de aula sonhado na minha infância conturbada.

Alegria de aprender, desenhar. Sabores gostosos dos lanches, brincadeiras e cantos brincados, cantados nas mentiras inocentes, quando sonhar era pensar que acontecia.

Na hora do recreio, enquanto os outros pro-

fessores tomavam o cafezinho e comentavam o andamento das aulas, fiquei no pátio.

Talvez ali me viesse alguma idéia.

Vi-a entre as outras crianças. Aproximei-me e pedi-lhe um pedaço do lanche. Deu-me, indecisa, meio espantada.

Resolvi dar mais um passo.

— Gostaria que você entrasse na classe depois. Assim você senta na minha cadeira e toma conta da minha bolsa enquanto eu trabalho.

Saí sem esperar resposta. Medo.

Logo mais retornamos à sala de aula.

Ela sentou na minha cadeira, colocou seu material ao lado do meu. “Precisei” de uma caneta. Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre, pegou e entregou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca.

Durante a aula pedi que levantasse a mão quem soubesse desenhar.

Todos levantaram as mãozinhas. Constatei. Ela também sabia.

Desenhou um cachorro retangular e sem rabo.

— Seu cachorro é uma graça — disse-lhe rindo. — Ele não tem rabo?

— Não é meu. É da minha avó. Quando meu avô bebe e fica bravo, ele corre e enfia o rabo no meio das pernas.

Baixou a cabeça e pintou o cachorro de azul.

Ao término da aula, arrumou o material sem pressa. Percebi-a amarrando os passos e tentando ficar afastada das outras crianças.

Alguma coisa tinha para dizer-me.

Impacientei-me. Sabia que, fosse o que fosse, eram respostas às minhas perguntas indiretas.

Decidiu a hora, segurou na minha saia e pediu:

aluna — Amanhã você deixa eu sentar perto da minha prima Gisele? De lá mesmo eu cuido da bolsa da senhora. Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga de avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata?

gen — Adoro.

aluna — Vou dar um pedaço grandão pra senhora, tá?

gen — Obrigada.

Combinamos.

gen — Até amanhã.

aluna — Até amanhã.

Dia seguinte, lá estava ela. Primeira da fila, leve e doce.

Ao me ver, deu uns passos, querendo vir ao meu encontro, mas a inspetora de alunos segurou-a pelo braço e fez com que retornasse ao seu lugar, porque já havia dado o segundo sinal.

Olhei-a e sorri. Ela, disfarçadamente, com medo da advertência da inspetora, apenas apontou com o dedo a lancheirinha vermelha, me provando que havia cumprido o trato. Estava ali meu lanche de pão com manteiga de avião.

¶ Foi quando, com nitidez nunca sentida, entendi tudo o que meu pai me ensinara, nas suas



palavras curtas, nas suas parábolas decifradas na cartilha da existência.

• E sentimentos placentários escaparam do útero, meu útero das minhas raízes, grafaram as leis regentes de todos os meus dias.

- Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos.

Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonias. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras.

Quem é Geni Guimarães

Nasci numa fazenda chamada Vilas Boas, município de São Manuel, interior de São Paulo, em 8 de setembro de 1947. Quando contava com 5 anos de idade, meus pais se mudaram desta para outra fazenda, em Barra Bonita, onde resido até hoje, exercendo a profissão de professora.

Bem antes de frequentar a escola oficial, eu "lia" poesias e histórias em tudo quanto eram livros, revistas e jornais que encontrava. Quando entrei para a escola, o professor me contou que eu era poeta e, vendo que era bom, assumi por inteiro o privilégio do dom.

Na adolescência, colaborei com os jornais *Debate Regional* e *Jornal da Barra*, publicando contos, poemas e crônicas.

Em 1979 foi editado meu primeiro livro, chamado *Terceiro filho*, poemas da meninice e adolescência. *Da flor o afeto* foi lançado em 1981, já com poemas mais decisivos, seguros.

Ao entrar, pouco mais tarde, em contato com a poesia negra, meu trabalho ficou mais definido por motivos de identidade, e assim fui convidada a participar de várias antologias e eventos culturais, entre os quais a antologia *Schwarze Poesie*, Edition Diä, Alemanha Ocidental, e IV Bienal Nestlé de Literatura, que influíram para que eu fosse convidada pela Secretaria da Cultura de Colônia para mostrar meus trabalhos no projeto "As diferentes faces da América Latina – Encontro com autores e diretores de cinema brasileiros", em novembro de 1988. Este trabalho no exterior propiciou-me maior visão cultural em termos de literatura brasileira.

A Fundação Nestlé de Cultura, reconhecendo o valor do meu trabalho, dada a minha atuação na Bienal, publicou meu livro *Leite do peito – contos* –, que se encontra hoje na 2ª edição.

Acredito que o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças. Baseada nessa crença, fui buscar minha menina das fazendas e escrevi *A cor da ternura*. Tenho a pretensão de conscientizar e alertar, segundo a visão do poeta maior Drummond: "É preciso viver com os homens, é preciso não assassiná-los, é preciso ter mãos pálidas e anunciar...".

Barra Bonita, 1989

Quem é Saritah Barboza

Há vinte e nove anos, eu era só uma coisinha miúda, do tipo que vinga por teimosia, e chorona. Talvez por isso não fosse muito querida por meu pai, que, além de tudo, esperava que nascesse um menino. Venho de uma família de músicos, e meu pai, além de ótimo violonista, é artista plástico; e não sei se por ironia do destino, eu sou a única de seus três filhos que o seguiu. Eu tinha que mostrar pra ele que o choro era fruto de muita sensibilidade e de uma necessidade muito grande de ser amada, e que, mesmo sem querer, tinha-
mos em comum mais que o sobrenome e minha mãe.

Desde que eles se separaram, tenho lutado muito para não ser mais uma pessoa perdida no mundo. Assim, só comecei a perceber que poderia ser eu mesma há pouco mais de cinco anos, quando fazia um curso de desenho e ilustração e recebi um arco-íris, desses sólidos de sessenta cores, onde o duende-guardião trazia a palavra mágica que transporta a gente para o mundo da criatividade. Foi assim que acabei chegando até *A cor da ternura*.

Um tanto insegura, pois havia ainda muito o que aprender, trilhei esta obra como se houvesse recém-saído de um deserto, em busca da água que ela abundantemente oferecia. Sinto-me embriagada dela de tal forma, que sei que não sou mais a mesma. Nem poderia. Tendo participado de mais de dez exposições de arte, não me sinto tanto nos quadros que já fiz quanto em cada ilustração deste livro – embora meu marchand e amigo-incentivador possa dizer o contrário. Aqui deixei tanto de mim, que me sinto como personagem dele, como se fôssemos uma coisa só. Ele me traduz com a simplicidade e negritude que só pessoas como a Geni sabem viver plenamente.

– Geni, quando eu crescer, quero ser alguém assim: grande e maravilhosamente negra, como você. Que Oxalá continue a iluminar o seu caminho, e que ele seja só AXE.

A mãe sentava-se na cadeira, tirava o avental e amamentava a menina não tão pequena para precisar do peito materno. Alimento para o corpo ou jeito simples de confessar o amor diário?

— Mãe, a senhora gosta de mim?

— Ué, claro que gosto, filha.

— Que tamanho?

— Assim."

Para a menina, o tamanho certo do amor equivalia à extensão dos braços da mãe.

A menina perde o lugar de caçula. O leite da mãe passa para o irmão pequeno. Por que não latir, miar e andar de quatro como os pequenos animais? Dor de saudade se cura com chás? Saudade dos olhares carinhosos, do colo, da comida servida na boca...

Crescer é ampliar os relacionamentos: grupos de colegas, escola. E quando o novo grupo enxerga apenas o visível?

A menina pouco sabia de como as pessoas são diferenciadas. Sabia, sim, pelas histórias da Vó Rosária que descendia de seres bons, simples, humanos e religiosos. Pela voz dos brancos conheceu outra história: seus ascendentes eram sem vontade, bobos, imbecis, covardes que só serviam para a escravidão.

Negritude se apaga? E se esfregasse na perna tijolo triturado, mistura certa para retirar carvão do fundo das panelas? O sangue jorrou quente, vermelho da cor da vida, da liberdade e da consciência da desigualdade dos homens.

Crescer negra num lugar onde o branco substitui o preconceito pelo paternalismo.

O tamanho certo da vontade de lutar pode ser medido pela extensão dos braços da mãe?



Santo Joem

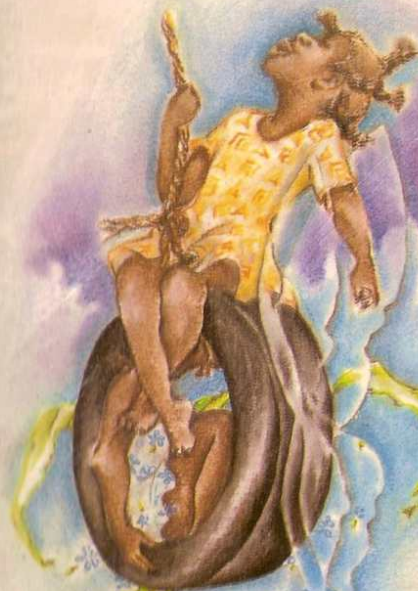
Saruê, Zambil
Greve na escola
A hora do amor
A coragem de crescer
Da terra para o mar, do mar para a terra
A grande decisão
O curumim dourado
Um jeito de viver
O mistério do livro sem mistério
É preciso lutar!
A menina que fez a América
A cor da ternura



A cor da ternura

GENI GUIMARÃES

ILUSTRAÇÕES SARITAH BARBOZA



All rights reserved to Tiny-Tools.com

Privacy Policy